

Alteridade, espiritualidade e pandemia Otherness, spirituality and pandemic

Claudio de Oliveira Ribeiro¹

Resumo

O texto apresenta reflexões e resultados de pesquisa teológica sobre aspectos da situação gerada pelos efeitos da pandemia causada pela COVID-19 no Brasil e no mundo. Metodologicamente, a análise foi estruturada em três momentos. Um primeiro que indica os diferentes reflexos da pandemia nas vivências religiosas, realçando a presença simultânea de formas religiosas obscurantistas e de outras que se caracterizam pelo diálogo com as ciências e pela maturidade da responsabilidade social. Um segundo momento descreve em síntese o entendimento acerca das expressões espiritualidade e alteridade, focos da reflexão proposta. O terceiro mostra como aspectos da pandemia interpelam as relações básicas da constituição humana, como as que marcam o encontro do ser humano com o outro que lhe é diferente, do ser humano consigo mesmo, o encontro com o corpo, com a natureza e com a história, e o encontro humano-divino em sua multiformidade.

Palavras-chave

Pandemia. COVID-19. Espiritualidade. Alteridade.

Abstract

The text presents reflections and results of theological research on aspects of the situation generated by the effects of the pandemic caused by COVID-19 in Brazil and worldwide. Methodologically, the analysis was structured in three stages. A first that indicates the different reflexes of the pandemic in religious experiences, highlighting the simultaneous presence of obscurantist religious forms and others that are characterized by dialogue with the sciences and by the maturity of social responsibility. A second step briefly describes the understanding of the expressions spirituality and otherness, which are the focus of the proposed reflection. The third shows how aspects of the pandemic challenge the basic relationships of the human constitution, such as those that mark the encounter of the human being with the other that is different from him, of the human being with himself, the encounter with the body, with nature and with nature. history, and the human-divine encounter in its multiformity.

Keywords

Pandemic. COVID-19. Spirituality. Otherness.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se desenvolveu durante seis meses do ano de 2020, no momento em que o Brasil e o mundo enfrentavam os primeiros e mais contundentes efeitos da pandemia de COVID-19. Diante da perplexidade gerada por essa nova situação, e das consequências diretas e indiretas do isolamento social, diversos setores sociais e acadêmicos dedicaram esforços de reflexão e de análise sobre este quadro.

O ponto de partida da pesquisa foi a iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em propor cursos de

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-doutorado em Teologia pela Southern Methodist University (SMU) e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contato: cdeoliveiraribeiro@gmail.com.

extensão que pudessem mobilizar pessoas interessadas no aprofundamento da situação nacional e mundial e, especialmente como os fatores religiosos nela incidem e por ela são afetados. O curso *Espiritualidade em tempos de pandemia*, cujos conteúdos estão sintetizados em capítulo com o mesmo título (RIBEIRO; ABIJAUDI, 2020), no livro *Religião em tempos de crise* (PIEPER; MENDES, 2020), integrou essa iniciativa.

A participação neste projeto redundou em uma série de outras intervenções. Uma que realçou mais diretamente esta temática foi a palestra de abertura do ciclo de atividades comemorativas dos 25 anos de atuação do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso, o Fonaper, também com o título *Espiritualidade em tempos de pandemia*. Nesse sentido, os resultados da pesquisa possuem, não somente um caráter teológico, mas sobretudo pedagógico, uma vez que procuram responder a demandas advindas das práticas das diferentes pessoas e grupos envolvidos.

A análise está estruturada em três momentos. O primeiro, indica os reflexos da pandemia nas vivências religiosas, realçando a presença simultânea de formas religiosas obscurantistas e de outras que se caracterizam pelo diálogo com as ciências e pela maturidade da responsabilidade social; o segundo, descreve em síntese o entendimento acerca das expressões espiritualidade e alteridade, focos da reflexão proposta; e o terceiro mostra como aspectos da pandemia interpelam as relações básicas da constituição humana, como as que marcam o encontro do ser humano com o outro que lhe é diferente, do ser humano consigo mesmo, o encontro com o corpo, com a natureza e com a história, e o encontro humano-divino em sua multiformidade.

1 ECOS DA PANDEMIA NAS VIVÊNCIAS RELIGIOSAS

A pandemia causada pelo coronavírus impactou o mundo todo e trouxe as mais diversas consequências afetando dramaticamente o âmbito da saúde pública com um número enorme de mortes e de internações hospitalares, como também a economia devido às medidas de isolamento social, e a sociedade como um todo devido aos impactos emocionais e sociais no enfrentamento da doença.

As inquietações e receios em torno da pandemia suscitaram as mais diversas reações ao redor do mundo. Entre elas, destaca-se o reforço de diferentes formas de espiritualidades, religiosas ou não, para o enfrentamento das questões relativas à morte, à fragilidade física e emocional e ao isolamento social. Da mesma forma, em especial devido ao isolamento social e às implicações econômicas decorrentes da pandemia, diferentes aspectos da convivência humana impactaram as relações sociais, coletivas e interpessoais, com resultados os mais diversos, ora evidenciando e acentuando as dificuldades de relacionamento humano, ora favorecendo as reflexões sobre novas possibilidades de compreensão e organização da vida.

Entre os vários aspectos negativos da situação tão difícil e dramática gerada pela pandemia, há aqueles que revelam possibilidades para a reorganização da sociedade, tanto em

termos das vivências pessoais no cotidiano, quanto na estrutura social. Boaventura de Souza Santos (2020) chamou estas possibilidades de *A cruel pedagogia do vírus*, título de seu mais recente livro.

A pandemia revelou que o sistema econômico no qual a sociedade está estruturada, mesmo com as variações entre os países e continentes, não atende às demandas da dignidade humana e dos direitos básicos das pessoas (DOWBOR, 2020). A situação no Brasil mostrou que os riscos e os maiores problemas se concentram nos setores mais pobres da sociedade, e a realidade das populações carcerárias, de áreas favelizadas e de moradores de rua é dramática.²

Luis Augusto de Paula Souza chama a atenção para o fato de que

As formas de vida sob o capitalismo atual estão baseadas no consumismo, no consumo pelo consumo como valor absoluto; no biopoder, conceito de Michel Foucault, que concerne ao controle extensivo e intensivo da vida – inclusive da vida biológica – pela incorporação da lógica do capital: corpos fagocitados pelo capitalismo, “vida nua” na expressão de Giorgio Agamben; e no necropoder, conceito de Achille Mbembe para designar a técnica da governamentalidade da vida, pela qual a maior expressão da soberania é dada pela capacidade de decidir quem deve viver e quem deve morrer. Para ficar apenas em um exemplo sob a pandemia: no Brasil, há alguma dúvida sobre quais segmentos sociais serão protegidos e quais estarão à própria sorte? (SOUZA, 2020, p. 178-179).

A expressão “crise” se tornou central nas reflexões mais consistente sobre a pandemia e os efeitos dela. Ela revela a contraposição dialética da referida “cruel pedagogia do vírus”.

Toda crise traz em suas entranhas a pergunta urgente e até desesperada pelo futuro. A palavra “crise” – *krisis*, em grego – diz respeito ao momento em que os fatores configuram um quadro que torna o diagnóstico médico possível. A pandemia jogou na arena pública mundial a conjuntura de crise, escancarou os limites da vida, das economias e dos governos, na oferta de soluções imediatas. A crise é o corte abrupto da regularidade histórica, no caso, da rotina planetária. Essa rotina vinha sendo traçada, havia algumas décadas, por um regime econômico supostamente concluído e, para o bem da verdade, em tempos recentes, por uma crise epidêmica de poderes que ensaiavam regimes autoritários pelo mundo afora. Contudo, nada se configurou como essa pandemia. O planeta parou e se colocou em postura de urgência e de revisão de suas práticas econômicas, políticas e culturais (PASSOS, 2020, p. 232).

² A obra *A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?* (2020), organizada por João Décio Passos, dedica a sua primeira parte para análises sobre a conjuntura socioeconômica do contexto da pandemia. São quatro substanciais capítulos, cujos títulos expressam conteúdos relevantes para as análises que desejam compreender de forma mais apurada a situação social na qual emergiu a pandemia: *Além da pandemia: uma convergência de crises* (Ladislau Dowbor), *O trabalho sob o impacto da Covid-19* (Marcio Pochmann), *Políticas públicas em situações sociais críticas; considerações a partir da pandemia do coronavírus* (Vera Lúcia Ferreira Mendes e Luis Augusto de Paula Souza) e *Desigualdades socioespaciais e pandemia: impactos metropolitanos da Covid-19* (Lucia Maria Machado Bógus e Luís Felipe Aires Magalhães).

No tocante às relações interpessoais, questões relacionadas aos contextos familiares e aspectos do cotidiano, a dimensão de crise também possui o seu aspecto valorativo. Alzirinha Souza chama a atenção para o fato de que a crise

deveria ser auxílio para um despertar de nossa solidariedade com nossos vizinhos idosos, com as pessoas mais vulneráveis da sociedade, com os doentes que estão nos hospitais. Quem tem o privilégio de ficar em casa e viver de suas reservas, vai ter que sair da zona de conforto de uma vida determinada pelo ritmo da modernidade e se refazer para a nova convivência integral com crianças e idosos antes entregues a babás e creches ou aos cuidadores. Aqueles que não tem essa possibilidade, se sobreviverem, deverão sair mais conscientes das ausências das estruturas para com eles. Esperemos que esta crise nos chame a deixar nosso lugar social de filhos, pais, mães, netos sobrinhos, professores e cidadãos para assumirmos a função social implícita que cabe a cada um (SOUZA, 2020, p. 126).

Ao mesmo tempo, em todo esse contexto que tem marcado a pandemia, muitos temas e argumentos religiosos se destacaram nas conversas e debates, seja pelo clima de obscurantismo estimulado por alguns grupos, seja pela busca de compreensões mais amplas e bem fundamentadas de um fenômeno que é social. Como entender mais adequadamente esse quadro é uma pergunta que vários grupos têm feito e outros têm se dedicado em refletir sobre ela.

Tanto as formas mais espontâneas de espiritualidade, quanto as expressões religiosas mais tradicionais ou institucionalizadas estão presentes no debate acerca da pandemia e do isolamento social. Ambas têm marcado a vida de muitas pessoas e grupos e têm estado presentes, de diferentes maneiras, em cada situação enfrentada.

As formas de expressão dessas espiritualidades são muito diferenciadas. Um primeiro conjunto delas, embora com variações, é articulado por elementos ideológicos. Uma de suas expressões se caracteriza, seguindo visões emergentes na sociedade no campo político, pela negação da dramaticidade da pandemia. Outra expressão atribui a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus pelos pecados humanos, especialmente os associados à liberdade sexual e ao uso do humor ou relativização dos valores religiosos tradicionais. Outra expressão, também relacionada às ideologias obscurantistas, atribui a pandemia à supostos interesses comunistas para afrontar a fé cristã. Nesse sentido, é preciso analisar a constante necessidade de se apontar inimigos, reais ou imaginários, que ameaçam a fé, algo sempre presente nas interpretações religiosas de caráter mais fundamentalista. Apontar inimigos de forma constante se faz necessário para a sustentação e manutenção dos discursos violentos, dos sentimentos de rivalidade e mesmo de exclusividade da fé e da razão. Neste tempo de pandemia provocada pela COVID-19, um dos inimigos escolhidos por parcela dos grupos religiosos são os protagonistas das pautas que são identificadas como pertencentes à esquerda política.³

³ Fábio Stern, em *As interpretações religiosas para o novo vírus* (2020), faz uma descrição detalhada dos motivos apresentados por diferentes grupos religiosos para a “punição divina” que a pandemia representaria. Entre eles estão o filme *A primeira tentação de Cristo* do conhecido grupo Porta dos Fundos e a aceitação e afirmação das pessoas homoafetivas na sociedade.

Um segundo conjunto destaca, no contexto da pandemia, o elemento religioso em contraposição ao científico. Em linhas gerais, tais leituras religiosas

ainda persistem paralelas às ciências, quando não ocupando o lugar delas. Não tem faltado leituras semelhantes àquelas do século XIV [quando a peste negra matou mais de dois terços da população da Europa], que colocam como causa do vírus Deus ou o diabo e, por conseguinte, oferecem rituais de solução: cultos, unção com óleo, novenas, correntes de oração, crucifixo na porta, água benta aspergida na rua, procissão com o Santíssimo Sacramento (PASSOS, 2020, p. 17-18).

Maria Clara Bingemer, ao analisar teologicamente o contexto da pandemia, em especial a relação entre fé e ciência, mostra que há formas religiosas que tentam travar o trabalho científico,

muitas delas, invocando o nome de Deus. Contestam-se os dados fornecidos pela ciência, contradizem-se informações precisas e objetivas e se dão orientações conflitantes à população. Afirma-se que Deus salvará a todos do vírus, que aquilo que os cientistas dizem é exagero, que o melhor a fazer é orar, porque Deus nos salvará do vírus (BINGEMER, 2020, p. 203-204).

Há um terceiro conjunto de abordagens e formas de espiritualidade de caráter mais intimista que destaca a importância da vida devocional, das orações e da meditação como caminho de equilíbrio interior, considerando que os tempos atuais são de incertezas e inseguranças. Elas não são necessariamente anticientíficas, mas não possuem a abrangência crítica que o momento e as circunstâncias da pandemia exigem. As mídias seculares divulgaram intensamente essas expressões de espiritualidade. Estas abordagens religiosas são marcadas pela busca de superação (ou em alguns casos, fuga) dos próprios limites e angústias e nem sempre destacam as dimensões religiosas mais críticas para o enfrentamento das situações de crise. Nesse sentido, é preciso estar atentos aos limites das espiritualidades fortemente intimistas.

Há um quarto conjunto de expressões de espiritualidade cujas interpretações de fé são mais consistentes e também estão presentes em diferentes grupos nas igrejas cristãs e em diferentes religiões. Elas estão conectadas com os aspectos sociopolíticos evidenciados nesta crise social revelada pela pandemia e ancoradas nos princípios da solidariedade, da comunhão e da responsabilidade com os destinos da vida e do mundo. João Décio Passos chamou a atenção para o fato de que

a pergunta e a resposta religiosa terão que ser coerentes e éticas; coerentes com os princípios de realidade oferecidos pelas ciências e éticas por colocar a vida como valor anterior a qualquer outro. O que fugir desse parâmetro contribuirá com o reforço da ingenuidade e do fanatismo. A leitura econômica atravessou todas as outras, como chave fundamental de solução e, muitas vezes, como critério principal para decidir sobre as estratégias de contenção do contágio. E não faltou quem tenha afirmado de modo explícito ou disfarçado que a salvação da economia era mais importante do que a preservação das vidas (PASSOS, 2020, p. 18).

Em visão similar, Maria Clara Bingemer realça que falar de Deus neste contexto da pandemia gerada pelo coronavírus

implica dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe são próprios. Isso requer não misturar epistemologias nem tratar o que diz respeito ao campo biológico com instrumentos falsamente espirituais, que matam em vez de curar e alimentam políticas genocidas capazes de empurrar as pessoas para o contágio e, provavelmente, para a morte (BINGEMER, 2020, p. 205).

Magali Cunha, ao analisar as causas da pandemia, refuta as interpretações religiosas sobrenaturalistas para evidenciar a importância da fé articulada com a consciência social e humana:

a nossa atual sociedade de mercado está baseada na necessidade capitalista de um crescimento do lucro sem fim. É esta lógica que leva empresas e empreendedores a se confrontarem com a vida selvagem na busca do lucro, forçando animais a entrarem no habitat remanescente em declínio ou no próprio mercado. E é exatamente este contato próximo e repetido que permite que os micróbios que vivem nos corpos dos animais atravessem para o nosso próprio habitat. Quando isso acontece, esses micróbios podem se transformar em patógenos (organismos causadores de doenças) humanos mortais [...]. O que estamos vivendo não é, portanto, uma obra sobrenatural de Satanás ou castigo de Deus, como alguns religiosos querem fazer crer, mas uma ação maligna (por que não satânica?) dos nossos iguais que promovem domínio em vez de cuidado, exploração em vez de preservação. Por isso, este precisa ser um tempo de oportunidade, de redenção e esperança, como escreve o apóstolo Paulo. Oportunidade de se pensar um mundo ecológico e justo organizado em torno do cuidado, não centrado nos humanos, mas que busque a harmonia de todos os seres que habitam a mesma Terra, casa comum. Oportunidade de se retomar a dimensão da coletividade e do cuidado de uns com os outros, superando-se o individualismo e o egoísmo de uma sociedade centrada na competição e no lucro (CUNHA, 2020).

Portanto, nesse último conjunto de visões, a espiritualidade aparece associada à valorização da vida humana em todas as suas esferas e dimensões. Embora nem sempre de natureza conceitual, trata-se de uma associação entre fé e amor que busca pela superação da alienação em relação ao outro e realça dimensões humanizadoras em diversos níveis.

2 ESPIRITUALIDADE E ALTERIDADE

Sabemos que dentro de uma série de aspectos que marcam a vivência humana está a incessante busca de superação de limites, do ir além das contingências e das ambiguidades históricas, da procura por absolutos que possam redimensionar a relatividade e a precariedade da vida, assim como se busca também o desfrutar das potencialidades, realizações e alegrias da vida nos seus mais diversos planos. Muitos denominam esta dimensão humana como espiritualidade.

Em certa medida, tal visão está relacionada ao olhar crítico das teologias que têm produzido uma saudável distinção entre fé e religião. É fato que tal relação é complexa e possui numerosas implicações, mas, no que diz respeito às nossas reflexões, é preciso afirmar que a primeira, a fé, requer uma espiritualidade que embora seja autenticamente humana vem de uma realidade que transcende as engrenagens históricas. Nessa perspectiva, a espiritualidade humana é recebida, acolhida. A espiritualidade, irmã da fé, é vista pela teologia como dom divino.

Nas reflexões mais recentes, tem sido cada vez mais comum a indicação de que a fé é antropológica e que pode se tornar religião. Historicamente, as experiências religiosas pretenderam e ainda pretendem possibilitar respostas para essa busca a que inicialmente nos referimos. Na diversidade de tais experiências confluem elementos dos mais diversos, desde os preponderantemente numinosos, “santos”, espontâneos e indicadores de uma transcendência, até aqueles marcadamente ideológicos, facilmente identificados como reprodução de filosofias ou culturas e artificialmente criados (RIBEIRO, 2012).

Há, entre os estudos de religião, uma série de análises sobre as distinções conceituais entre religião, crença, fé, espiritualidades e outras expressões similares. Em função dos limites de nossas reflexões, destacamos apenas a distinção entre as práticas religiosas mais institucionalizadas e a dimensão transcendente mais ampla e de caráter antropológico, que se expressa no humano e que vai além dos aspectos formais da religião. Em ambas a espiritualidade está presente (RIBEIRO; ABIJAUD, 2020).

A espiritualidade se expressa em aspectos práticos e concretos da vida social e política, e aí estão destacados os processos de defesa da vida, da justiça social e econômica, dos direitos humanos e da terra, da cidadania e da dignidade dos pobres, o domínio da lógica do egoísmo tanto em esferas macro e sistêmicas como no cotidiano e na vida pessoal. A espiritualidade gera espaço de consciência social, alteridade, coexistencialidade e cordialidade, humanização e integração cósmica. Ela é o empoderamento da vida não somente humana, mas em todas as suas mais diversas formas de manifestação.

Assim, a espiritualidade é um modo de ser, uma atitude fundamental a ser vivida a todo o momento e em todas as circunstâncias. Seja na arrumação da casa, seja trabalhando numa fábrica, dirigindo o carro, conversando com os amigos, experimentando um momento íntimo com nossos entes amados; as pessoas que criam espaços para o profundo e para o espiritual se tornam centradas, serenas, e cheias de paz. Elas irradiam vitalidade e entusiasmo porque têm Deus dentro de si. Esse Deus é amor, o qual, nas palavras de Dante, move os céus, as estrelas e nossos próprios corações (BOFF; HATHAWAY, 2012, p. 428).

Tal perspectiva espiritual revela-se imprescindível para o futuro da humanidade e da Terra. Trata-se de uma abertura à sensibilidade com os outros, à cooperação e respeito à vida humana e à natureza perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e de responder ao chamado à comunhão entre eles, em espiritualidade comunitária e ecológica vital para a sobrevivência da biosfera.

Também é necessário compreender que a espiritualidade, como aspecto da vida humana, está intimamente ligada à busca pela transcendência e superação dos limites e ambiguidades da própria vida. Por isso, a concepção da ideia de Deus representa também a idealização de uma presença comum a todas as formas de vida que está para além da finitude e da existência da própria vida como o ser humano a conhece. Nesse sentido, a espiritualidade seria o processo de desenvolvimento onde o ser humano se realiza na busca por essa transcendência e superação de seus próprios limites.

Pensando em termos religiosos mais globais, é esperado que cada tradição espiritual procurasse no interior e nos fundamentos delas mesmas os discernimentos que possam levá-las a reverenciar a vida, ao direcionamento de uma ética de compartilhamento e cuidado da vida em suas dimensões humana e cósmica, ao despertar para a visão de que o sagrado está presente na história e no cosmo. “Se fizermos assim, teremos acesso a uma fonte de inspiração duradoura e profunda, a qual pode servir para o estouro de uma revolução espiritual a qual pode realmente salvar a Terra e enriquecer a qualidade da vida humana” (BOFF; HATHAWAY, 2012, p. 462).

Fernando Altemeyer Junior, ao refletir teologicamente sobre os efeitos da pandemia, ressaltara outro aspecto ao afirmar a urgência de uma espiritualidade do provisório:

É no amor efêmero das coisas efêmeras e no amor por pessoas marcadas pelo tempo que encontramos o portal para viver a vida eterna de Deus. A única esperança de nos integrar no definitivo e nos prender ao eterno é amar as coisas passageiras que nos rodeiam. A cada dia sua pena, dizia Jesus. Olhar a vida e vivê-la como lírios do campo. A verdadeira volta a Deus reside na paciência em tempos incertos. No amor terrestre em tempos fugazes. Viver Deus, sem prendê-lo nem manipulá-lo. Usar das coisas sem ser proprietário e senhor. Crer no amor de criador sabendo que ele se fez um Deus crucificado, como diz Jürgen Moltmann em sua obra exemplar (ALTEMEYER JUNIOR, 2020, p. 226).

Essas reflexões realçam a visão, imprescindível para o futuro da humanidade, de uma espiritualidade que seja valorizadora da vida, sensível ao cuidado com a natureza e com os pobres, que diga respeito ao todo, aberta aos mistérios do universo e atenta aos principais desafios sociais e políticos que hoje se apresentam ao mundo. O que foi sinalizado revela uma abertura à sensibilidade com os outros e à cooperação e respeito à vida humana e à natureza. Com isso, é possível perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e caminhar em direção à resposta ao chamado para a comunhão entre eles. A contribuição das diferentes féis à ecoespiritualidade é fundamental para as dimensões de integração pessoal, comunitária e ecológica, assim como é vital para a sobrevivência da biosfera (PUI-LAN, 2015).

Tais perspectivas estão ligadas diretamente à noção de alteridade e à existencialidade. Ivone Gebara ressaltou que pensar sobre

[religião] em tempos de Covid-19 é sentir e saber que o mesmo vírus nos habita de muitas formas, a mesma mortalidade nos espreita, a mesma fome e a mesma sede habitam nossos corpos, a mesma falta de ar nos desfalece e que

é preciso abrir as mãos para que os corações se abram e deixem o Covid desaparecer. Talvez assim ele tenha cumprido sua missão, a missão de nos lembrar o que havíamos esquecido, a de “ser irmanados/as” pela mesma vida e pela mesma morte. Não se foge a essa condição esse é o segredo escondido em nós, gravado em todas as células de nosso ser, tatuagem perene e ao mesmo tempo provisória. É essa condição que nos identifica, que nos torna o que de fato somos: um caniço frágil que hoje respira e se move, mas que amanhã será estrume na renovação da terra/vida. Por isso os antigos gostavam de meditar sobre a morte, a minha e a dos outros para indicar a necessidade de agir sabendo que o mundo não me pertence e que essa breve ou longa vida entregará à terra seu último respiro para que a vida se renove e siga adiante (GEBARA, 2020).

Nessa direção, a pressuposição é que há relações antropológicas consideradas fundamentais para que se possa afirmar a humanidade. Ou seja, para alcançá-la o ser humano deveria ter a condição e a capacidade mínima de estabelecer, pelo menos, quatro relações fundamentais. Em geral, a antropologia concebe que o ser humano se constitui como tal na medida em que estabelece as relações fundamentais com o “outro”, o ser humano que nos é diferente (e aí são encontradas as intersubjetividades eu-tu, homem-mulher, homo, hétero etc.) ou em linguagem religiosa o “próximo”, a relação subjetiva do ser humano consigo mesmo, a relação com o corpo, que em boa medida é resultante das duas relações anteriormente descritas, e a relação com o cosmo (história, sociedade e meio ambiente). As teologias indicam que há uma quinta relação que deve ser lembrada que é a relação humano-divino, primeira e última, que fundamenta e abrange todas as outras.

Uma espiritualidade autêntica e profunda não pode estar dissociada da alteridade. Esta é a possibilidade humana de se relacionar com as realidades, grupos e pessoas diferentes de nós mesmos, sendo um elemento fundamental da fé cristã. Ela é permeada de bases bíblicas, mas é advinda do campo da antropologia e da filosofia. *Alter*, da origem grega, é o diferente. Portanto, a capacidade de alteridade é reconhecer um “outro” que está além da subjetividade própria de cada pessoa, grupo ou instituição. Autores como Emmanuel Lévinas (2002) e Martin Buber (1987) aprofundaram a temática. Segundo eles, trata-se de uma postura, método ou sistema de ferramentas científicas que permitem redimensionar, em perspectiva, a realidade. Assim, a plausibilidade de um dado sistema (religioso ou cultural) se evidenciaria no convívio com o “outro” e não na confrontação apologética, tentando desqualificá-lo. Desta forma, permite-se uma possibilidade criativa de aproximação e de convívio da qual decorrerá melhor compreensão do “outro” que não mais será visto como exótico, como inimigo, como inferior, ou como qualquer outra forma de desqualificação.

3 ALTERIDADE E A PANDEMIA

As relações acima descritas podem representar, em linguagem metafórica, pelo menos cinco encontros que precisam ser vislumbrados na busca de uma espiritualidade autêntica, saudável e promotora da vontade sagrada e divina no mundo. Todas elas foram diretamente afetados nos processos sociais que emergiram do contexto da pandemia causada pela COVID-

19. Tais encontros são marcas profundas na vida, as quais o ser humano possui ainda que fragmentariamente, e ao mesmo tempo ansiosamente deseja: (1) o encontro com o outro que lhe é diferente, (2) o encontro do ser humano consigo mesmo, (3) o encontro com o corpo, (4) encontro com a natureza e com a história, e (5) o encontro humano-divino em sua multiformidade.

3.1 O encontro com o outro no contexto da pandemia

O primeiro encontro é com o outro. Ele desafia as práticas e as reflexões sobre a alteridade como abertura fundamental para o outro, mas que considere efetivamente os diferenciais de poder que marcam as relações sociais e políticas (RIEGER, 2008). A noção de alteridade, com forte sintonia com os estudos antropológicos incluindo os desafios da prática da comunhão, das consequências concretas do amor divino para a vida humana, para a história e para os destinos da natureza e de toda a criação, é fundamental no tocante à espiritualidade. A experiência comunitária e relacional própria das distintas tradições religiosas, uma vez percebida e assumida como valor, possibilita relacionamentos igualitários nas comunidades e em demais agrupamentos humanos, o que gera uma ambientação favorável, embora não isenta de tensões para o diálogo ecumênico, em todas as suas dimensões.

Este caráter de alteridade desloca também a teologia de seu caráter apologético para situá-la em um novo paradigma dialógico e ecumênico, reconhecendo igualmente e dignamente a validade das religiões, não se restringido aos limites impostos pela hegemonia da fé cristã. Daí, surgem diferentes desafios e possibilidades. O mais fecundo é o da “escuta”, saber ouvir o diferente. Trata-se da “tentativa de nos submeter à verdade onde quer que ela se encontre, aceitando o pluralismo de perspectivas e de nomes, quaisquer que eles sejam e onde quer que pulse o coração da vida. Esta missão é ‘sair’ da violência mimética e redutora da alteridade do outro e entrar numa dinâmica de paz polifacética e plural” (BINGEMER, 2001, p. 288).

No entanto, o isolamento social decorrente do processo da pandemia manteve boa parte das pessoas em suas casas. Isso trouxe variadas consequências. Para as famílias que possuem moradias minúsculas, a convivência se tornou tensa, com maior número de violência doméstica e conflitos (DINIZ; CARINO, 2020). As atividades profissionais desenvolvidas em casa pela internet pelas pessoas reforçaram a precarização das relações de trabalho, aumentaram o volume de tarefas e subverteram a noção do lar como espaço de aconchego e descanso (POCHMANN, 2020).

Por outro lado, houve neste mesmo processo uma movimentação social muito significativa com iniciativas e campanhas de solidariedade que envolveram amplos setores sociais, profissionais de saúde e grupos de defesa dos direitos humanos e da cidadania. Entre as diversas experiências, há campanhas comunitárias que articulam a assistência social necessária

para as famílias pobres com a firme defesa dos direitos humanos e da cidadania.⁴ Uma parcela das pessoas, devido ao isolamento social, se sentiu sensibilizada em relação à valorização das relações humanas, da amizade e de visões mais humanizantes e à necessidade de se dar maior atenção aos filhos.⁵

3.2 O encontro consigo mesmo

O segundo encontro é o do ser humano consigo mesmo. Aí se dão as experiências religiosas e espirituais marcadas pela pluralidade e pela revisão de vida, pelo reconhecimento da fragilidade humana em suas diversas formas, assim como suas potencialidades pela expressão positiva e humanizadora da dimensão corpórea e da sexualidade, assim como as realidades históricas e cósmica que cercam o humano.

As questões concernentes à subjetividade humana, mesmo com os avanços das ciências antropológicas e da psicanálise, ainda se encontram desprovidas de valor em boa parte dos círculos religiosos. Avolumam-se em nossa sociedade as mais diversas crises existenciais, e com elas crescem a precariedade da saúde mental e emocional das pessoas, o número de suicídios, de gestos de violência física, verbal ou simbólica. Também no cotidiano, por vezes são comuns atitudes escapistas, individualistas e de não enfrentamento da limitação humana que podem ser sinais de que parte considerável das pessoas não esteja conseguindo estabelecer madura e adequadamente uma relação com a própria interioridade.

O encontro com a fragilidade humana talvez seja um dos mais desafiadores, pois se trata de algo que o ser humano não deseja, ou pelo menos que não tem sido incentivado a tê-lo pelas experiências religiosas que têm se tornadas majoritárias no meio cristão. É o encontro com as próprias fragilidades, ambiguidades e fraquezas. Todo esse quadro se tornou mais agudo no contexto da pandemia. O número expressivo de mortes causou forte inquietação e insegurança para a maioria das pessoas em relação ao futuro da vida, tanto em termos pessoais quanto planetário.

Ao enfrentar o coronavírus e toda a sua força destrutiva, compreendemos que o humano, de forma solidária, está conhecendo-se melhor, sabendo quem defende a vida e quem é perverso e mesquinho. O vírus está se tornando um divisor de águas e possibilitando aos cientistas, religiosos e pessoas de tantos povos e culturas estar cada qual mais atento de si e mais interconectado com os demais. Há mais clareza da condição humana e da razão de vivermos neste planeta, neste pálido ponto azul do Universo, como descreveu Carl Sagan (ALTEMEYER JUNIOR, 2020, p. 224).

⁴ Entre as diversas experiências, uma campanha comunitária no Rio de Janeiro chamou muita atenção. Ela articula a assistência social necessária para as famílias pobres com a firme defesa dos direitos humanos e da cidadania e está apresentada em vídeo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ongcriola/videos/2662953460477007>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

⁵ Há diversas reflexões teológicas e pastorais sobre esses aspectos. Faustino Teixeira, no artigo *A dimensão espiritual da crise do coronavírus* (2020), faz uma análise dos impactos globais da pandemia, destacando a crise como oportunidade de se encarar a precariedade e a fragilidade humanas.

Em direção similar, Alzirinha Souza destaca a dimensão da esperança. A autora afirma que

estarmos todos envolvidos no mesmo risco, nos suscitará o olhar para fora de nós mesmos, lembrando-nos de que, sem um trabalho conjunto, não será possível a sobrevivência. Talvez daqui a alguns anos consigamos afirmar que, apesar de todos os transtornos e adaptações a que todos estamos submetidos no momento, foi a obrigação de literalmente pararmos que nos deu a possibilidade de sentirmos falta do que efetivamente somos, das relações que temos, da volta aos núcleos familiares e da retomada do exercício da solidariedade (SOUZA, 2020, p. 126).

Ivone Gebara, no texto *Religião e a pandemia Covid-19* (2020), afirma que a situação pandêmica provocada pelo vírus planetário escancarou a frustração humana ao constatar que aquilo “que se desconhece, é muito mais do que o que se conhece”. Por isso, embora cada pessoa busque resposta em suas crenças pessoais, sejam elas sociais, políticas ou religiosas, o sentimento de impotência e desconhecimento da própria vida e dos rumos futuros da história é generalizado. É como se todos estivéssemos em uma espécie de “tribunal da vida”.

3.3 O encontro com o corpo

O terceiro momento é o encontro com o corpo. Ele está relacionado às duas relações anteriormente descritas, com o outro e consigo mesmo. De fundamental importância nas experiências religiosas afro-brasileira, por exemplo, e desprezado por boa parte das tradições cristãs, o corpo, que mobiliza e articula as expressões de espiritualidade e a vida como um todo, é lugar de encontros e desencontros. O encontro com o corpo e a corporeidade é revelador de espiritualidades profundas e autênticas, sobretudo se expressas na valorização destas dimensões como elementos que dignificam e redimensionam a vida e a fé.

A visão bíblica que sustenta a visão integral do ser humano reafirma que corpo e alma não são realidades separadas. Como sabemos, a visão bíblica a respeito do ser humano é integral, holística e não separa, por exemplo, dualisticamente o secular e o sagrado, ou o corpóreo e o espiritual. Nas visões ocidentais que sofreram influência de certas filosofias gregas de caráter neoplatônico prevaleceu uma ênfase antropológica dicotômica, com as separações corpo e alma, material e espiritual, chegando a crer que a morte é a libertação que a alma tem do corpo. Ora, essas visões diferentes geraram um grande conflito no cristianismo, em especial pela desvalorização do ser humano em sua totalidade, fruto da antropologia dicotômica grega.

A teologia cristã latino-americana possui enorme lacuna nesse campo. Historicamente, as igrejas cristãs quando não ocultaram de suas agendas tais preocupações desenvolveram, por diversas motivações ideológicas, práticas cerceadoras e punitivas. Nossa consideração é que, por diversos fatores, os temas relacionados à sexualidade humana ganharão destaque nas próximas décadas nos círculos teológicos e eclesiais. As instituições teológicas e as igrejas precisarão refletir e responder as questões e demandas que surgirão nessa área, em especial a da

homoafetividade. Isso se dará pelo fato do crescente número de cristãos, incluindo pastores, pastoras, padres e demais lideranças eclesiais assumirem a homoafetividade e terem os seus ministérios reconhecidos (RIBEIRO, 2020).

A valorização do corpo pela fé cristã constitui-se em um elemento teológico que se difere frontalmente das concepções religiosas correntes no cristianismo (e fora dele) que associam o corpo ao pecado. O encontro do humano com as dimensões de sua corporeidade e sexualidade representa especial fonte de espiritualidade.

Essas reflexões possuem amplitude e estão, assim como as demais, para além do debate sobre a pandemia. No entanto, não se pode ignorar, que, como visto, há visões religiosas que negam a dramaticidade da pandemia ou, mesmo seguindo argumentos ideológicos obscurantistas em voga, atribuem a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus aos seres humanos pecadores, especialmente devido à supostos pecados sexuais. Podemos analisar esse aspecto buscando compreender em que sentido a negação da realidade se estabelece como ilusão pela dificuldade do crente em lidar com a situação provocada pela pandemia, com a própria doença e até mesmo com a morte. Dessa forma, atribuir a pandemia e o vírus a um suposto plano divino, ainda que imaginário, possibilita o encaixe da situação dentro de uma respectiva visão de mundo, em geral negativa em relação à corporeidade, mas, em certa medida, proporciona maior facilidade de compreensão e segurança pessoal.

Outro aspecto é a mediatização da vida. Alzirinha Souza chama a atenção que esse novo processo, acentuado com o isolamento social decorrente da pandemia do coronavírus, tem consequências para as dimensões de corporeidade que afetam a vida humana. “Ao assumirmos esta nova forma de presença [virtual], ressignificamos também a compreensão de corporeidade. Graças às novas tecnologias, não precisamos mais do corpo físico para nos fazer presentes. Podemos nos relacionar somente com a imagem e com a história que representamos no momento de sermos vistos”. E, assim, “somos vistos, e não mais tocados, ou sentidos, ou percebidos fisicamente” (SOUZA, 2020, p. 124).

3.4 O encontro com a natureza e a história

Em quarto, ressalta-se nas reflexões sobre alteridade o encontro do ser humano com a natureza e com a história. Esse encontro possibilita questionar as formas de individualismo, de desprezo da cosmologia e das visões holísticas, o esvaziamento espiritual e de sentido das questões que envolvem a vida e as formas utilitaristas de conhecimento técnico-científico. Em contraposição a esses reducionismos, destaca-se uma ecoespiritualidade que realce relações de interdependência e de cooperação vital, propostas de respeito à integridade humana, à formação pessoal e à totalidade dos processos vitais e a valorização do corpo como fonte de prazer.

A espiritualidade que surge e que se compromete com a criação e a recriação da vida vai além da dimensão pessoal para alcançar uma perspectiva cósmica. E igualmente porque surge e se compromete com a história, não se torna escapista nem individualista, mas relacionada com a

vida em toda a sua amplitude humana, comunitária e social. Tal espiritualidade marca uma visão ampla de salvação, o que nos faz ter em mente a tradição bíblica judaico-cristã na belíssima figura do pastor que, nos perigos da vida, salva concretamente a ovelha ferida. Falar em salvação mobiliza intensamente todos os seres humanos, independentemente de credos, culturas ou convicções políticas e filosóficas. Trata-se de algo decisivo, fundamental na existência humana e que traz indagações e expectativas para todas as pessoas. Tais perspectivas ganharam destaque no contexto de pandemia que assolou o mundo.

As causas da pandemia, por exemplo, têm sido analisadas por várias pessoas de diferentes setores do conhecimento. Tais análises não estão dentro do nosso objetivo neste pequeno texto, mas são muito importantes para as diferentes análises. Nesta direção estão as reflexões científicas sintetizadas por Leonardo Boff em variadas obras. O autor afirma que

a pandemia do coronavírus nos revela que o modo como habitamos a casa comum é nocivo à sua natureza. A lição que nos transmite soa: é imperioso reformatar a nossa forma de viver sobre ela, enquanto planeta vivo. Ela está nos alertando que assim como estamos nos comportando não podemos continuar. Caso contrário, a própria Terra irá se livrar de nós, seres excessivamente agressivos e maléficos ao sistema-vida. (BOFF, 2020a).

As reflexões sobre espiritualidade têm realçado as consequências da pandemia, embora se reconheça que uma visão aprofundada sobre as causas seja de grande importância para a sensibilização na direção de outras formas de espiritualidade que reforcem a sustentabilidade da vida e do mundo e que indiquem a necessária crítica ao sistema econômico atual e a forma excludente como a sociedade está organizada. Todas essas dimensões estão relacionadas à espiritualidade e à alteridade. Não é desprezível o fato de que houve no período inicial do isolamento social (nos meses de março a julho de 2020) sinais de diminuição da poluição nas grandes cidades e a redução do consumo desenfreado. A expressão utilizada por Leonardo Boff (2020b) no título de um de seus artigos é exemplar desta realidade: *Voltar à “normalidade” é se auto-condenar-se*.

3.5 O encontro humano-divino

Por fim, a experiência do encontro humano-divino emoldurada em uma espiritualidade ecumênica que emerge do pluralismo - religioso e cultural. Ela tem como valor a dimensão mística, de alteridade e de corresponsabilidade com o destino do mundo, e isso possui incidência concreta nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido.

Diversos setores sociais, eclesiais e acadêmicos têm sido cada vez mais desafiados pelos temas relativos à religião especialmente pelas tensões entre a racionalidade moderna e a emergência das subjetividades que marcaram o desenvolvimento do pensamento no final do século passado em diferentes continentes. A explosão mística e religiosa vivenciada no final do

século XX e na primeira década do XXI, em diferentes continentes e contextos socioculturais, revela, entre outros aspectos, um esgarçamento da razão moderna como doadora de sentido para a humanidade.

A vivência atual, bastante distinta das gerações passadas, tem sido estabelecida nos entrelugares interativos que por um lado são marcados por formas de ateísmo, de descrença e de indiferença religiosa, e por outro pelo fortalecimento e reavivamento de várias experiências religiosas, novas e tradicionais. Todas essas visões têm sido interpeladas pelos processos gerados pela pandemia, em especial os marcadamente dolorosos e sofridos. Maria Clara Bingemer, revisitando várias teodiceias e visões teológicas modernas que tiveram que lidar com os horrores do mal, das guerras e do sofrimento, ressalta que

Deus não se cala diante da dor e do sofrimento humano. Pelo contrário, encarna-se e entra nessa dor e nesse sofrimento, assumindo a vulnerabilidade de sua criatura. Sofre ele mesmo na carne e na dor das vítimas, abraçando seu sofrimento por dentro; e daí se revela como amor. Diante do grito da vítima inocente que sofre, ou Deus abraça esse sofrimento por dentro, ou não pode ser adorado e invocado pela humanidade em meio a sua dor (BINGEMER, 2020, p. 208).

Espiritualidade, portanto, é o profundo respeito por todos os seres criados e a preservação da vida. Trata-se de aprender a acolher a interdependência vital que caracteriza o universo e nos faz viver. É a educação pessoal e comunitária para valores de convivência. “Assim, a partir do resgate da experiência primordial do sagrado feminino, no qual mulheres e homens se incluem, passamos a falar de salvação com um significado histórico situado. A salvação da qual necessitamos se traduz nas pequenas ações e gestos que nos ajudam a viver.” (GEBARA, 2010, p. 49).

Ao refletir especificamente sobre religião e contexto da COVID-19, Ivone Gebara chama a atenção para o fato de que

a dor comum parece acordar a solidariedade comum, sobretudo porque ninguém está ao abrigo das dores pandêmicas. Por mais que alguns sejam mais protegidos que outros a situação atual revela a vulnerabilidade de todos. E talvez nessa situação algo para além de uma religião determinada precisaria ser reforçado e desenvolvido. Seria como a constituição de uma irmandade para além dos credos religiosos, um pacto, uma aliança entre nós para além de nossos deuses e deusas, para além dos locais de culto de uns e outros, para além dos velhos credos. Nossos deuses e deusas correm o risco de serem sectários, de exigirem leis e sacrifícios segundo suas peculiaridades e especialidades. Nossos deuses têm o vírus da competição entre eles na medida em que se tornaram a nossa imagem e semelhança. Precisamos por um tempo dar-lhes folga, talvez deixá-los em sua “quarentena” até que a nossa própria quarentena possa passar e possamos ver claro o caminho pessoal/coletivo da humanidade (GEBARA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE SERÁ O AMANHÃ?

A pandemia causada pelo coronavírus trouxe consequências diversas ao mundo e às diferentes dinâmicas da vida. Estes impactos geraram crises, não somente no âmbito da saúde pública e na esfera econômica, mas também nos mais diversos aspectos subjetivos, interpessoais e sociais. O medo de ter que lidar com a morte é que traz ao ser humano, em primeira instância, aquilo que a interpretação existencial da condição humana chama de angústia. A fragilidade física e emocional do ser humano nunca esteve tão explícita e desnudada, pelo menos, não em tempos recentes. Ao mesmo tempo, diversas formas de solidariedade humana e de criatividade emergiram desse quadro.

Todos esses aspectos, complexos e desafiadores, mostram caminhos significativos para a vida e para a vivência espiritual. Como visto, a diversidade das respostas religiosas ao quadro da pandemia não foi e nem tem sido pequena e abarcou, desde a presença de formas religiosas obscurantistas, negacionistas e ideológicas até outras que se caracterizam pelo diálogo com as ciências, pela sensibilidade humana frente ao sofrimento e pela maturidade na busca de posturas que ressaltem a responsabilidade social diante dos nefastos efeitos dessa situação.

A pandemia evidenciou as crises e as injustiças do sistema econômico no qual a sociedade está estruturada e o desgaste dos processos vitais e da natureza ocasionado pelas ações humanas destrutivas e firmadas no lucro. Nesta estrutura, o ser humano se encontra em estado de ruptura que ameaça a integridade de sua comunhão com a sociedade, com os corpos, com a natureza e com as dimensões que lhe são sagradas ou divinas. Nesse sentido, a espiritualidade marcada pela alteridade se demonstra como canal e expressão da vida humana na busca pela superação de limites e pelo fruir das alegrias, do bem-estar e da felicidade.

As reflexões destacaram também o caráter de alteridade necessário às formas de espiritualidade que pretendem se desenvolver de maneira autêntica e profunda e que estabelecem ou reforçam paradigmas dialógicos e plurais. A alteridade se apresenta como caminho para o relacionamento não somente entre os seres humanos, mas também entre diferentes realidades e grupos, religiosos ou não, assim como a dimensão corpórea, histórica e cósmica que permeia o humano. A relação entre espiritualidade e alteridade se evidencia não somente como contribuição, ainda que modesta, para as tentativas de respostas para a atual crise mundial, mas também para a reconstrução do mundo e da sociedade no mundo pós-pandemia que necessitará, decisivamente, buscar novos caminhos de valorização da vida humana e de sua dignidade. No entanto, são meras e limitadas tentativas. Isto porque, como chamou a atenção João Décio Passos:

A humanidade se encontra em meio a uma travessia. Não sabemos a dimensão do percurso e, menos ainda, o que nos aguarda do outro lado. A pandemia acordou o planeta de algumas ilusões. Ao menos de imediato, algumas verdades se mostraram, de fato, como ilusões: a ilusão do progresso e do consumo sem limites; a ilusão do bem-estar universal e de um regime pronto a dispensá-lo por todas as vias; a ilusão de um capital mundial salvador do mundo; a ilusão de uma ciência prepotente sempre disponível a intervir em qualquer crise sanitária; a ilusão de uma religião do Deus onipotente que intervém quando a ordem natural joga contra a prosperidade. Uma tirania do presente, exercida e imposta como posse instantânea da

felicidade individual, colapsou como regra de vida e solicitou o futuro como socorro para suas promessas. Nada é mais seguro e o que era tido como certo se tornou de repente incerto. O que será o amanhã? (PASSOS, 2020, p. 233-234).

REFERÊNCIAS

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. O silêncio de Deus no grito das vítimas. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 213-229.

BINGEMER, Maria C. B. Deus em meio a pandemia. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 197-221.

BINGEMER, Maria C. B. (Org.). **Violência e religião: cristianismo, islamismo, judaísmo – três religiões em confronto e diálogo.** São Paulo: Loyola; PUC-Rio, 2001.

BOFF, Leonardo. A Terra se defende. **Instituto Humanitas Unisinos**, 25 mar. 2020a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-aoticias/597421-a-terra-se-defende-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BOFF, Leonardo. Voltar à “normalidade” é se auto-condenar-se. **Brasil de Fato Rio de Janeiro**, 4 maio 2020b. Disponível em: <<https://www.brasilefatorj.com.br/2020/05/04/artigo-voltar-a-normalidade-e-auto-condenar-se-por-leonardo-boff>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Marc. **O tao da libertação: explorando a ecologia da transformação.** Petrópolis: Vozes, 2012.

BÓGUS, Lucia M. M.; MAGALHÃES, Luís F. A. Desigualdades socioespaciais e pandemia: impactos metropolitanos da Covid-19. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 75-92.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

CUNHA, Magali do N. Nem “obra de Satanás” nem “castigo de Deus”: a pandemia é oportunidade. **CartaCapital**, 18 mar. 2020. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/nem-obra-de-satanas-nem-castigo-de-deus-a-pandemia-e-oportunidade/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

DINIZ, Débora; CARINO, Giselle. Patroas, empregadas e coronavírus. **Agência Patrícia Galvão**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/trabalho/patroas-empregadas-e-coronavirus-por-debora-diniz-e-giselle-carino/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

DOWBOR, Ladislau. Além da pandemia: uma convergência de crises. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 25-47.

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, justiça e feminismo.** São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GEBARA, Ivone. Religião e a pandemia Covid-19. **Instituto Humanitas Unisinos**, 23 jun. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDES, Vera L. F.; SOUZA, Luis A. P.. Políticas públicas em situações sociais críticas; considerações a partir da pandemia do coronavírus. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 63-73.

PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020.

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Orgs.). **Religião em tempos de crise.** São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020.

POCHMANN, Marcio. O trabalho sob o impacto da Covid-19. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 49-61.

PUI-LAN, Kwok. **Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé.** São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio de O. **Libertação e gratuidade: reflexões sobre a espiritualidade.** São Paulo: Paulinas, 2013.

RIBEIRO, Claudio de O. O princípio pluralista, corporeidade e sexualidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 1, p. 283-297, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3662/pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

RIBEIRO, Claudio de O.; ABIJAUDI, André Y. G. Espiritualidade em tempos de pandemia. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Orgs.). **Religião em tempos de crise.** São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. p. 90-109.

RIEGER, Joerg. Libertando o discurso sobre Deus: pós-colonialismo e o desafio das margens. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 34, p. 84-104, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/221/229>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SOUZA, Alzirinha. As novas formas de presença em tempos de pandemia. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 113-129.

SOUZA, Luis A. de P. Cura ou qual mundo queremos (re)construir. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 171-183.

STERN, Fábio L. As interpretações religiosas para o novo vírus. In: PASSOS, João D. (Org.). **A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 151-167.

TEIXEIRA, Faustino. A dimensão espiritual da crise do coronavírus. **Instituto Humanitas Unisinos**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597292-a-dimensao-espiritual-da-crise-do-coronavirus>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Recebido em: 04/09/2020.

Aceito em: 01/12/2020.